Escola das Américas:
Formando Líderes para o Novo Mundo

Major Ted Bowling, Exército dos EUA

A Escola das Américas, sediada no Forte Benning, no Estado da Geórgia, oferece o Curso de Comando e Estado-Maior para oficiais selecionados provenientes de toda a América Latina e para vários oficiais norte-americanos. Através dos anos, muitos renomados oficiais de todos os países do hemisfério têm recebido parte de sua educação profissional neste importante instituto internacional. Diante das pressões orçamentárias e políticas, às quais a Escola se encontra atualmente submetida, vale a pena analisar sua função como um baluarte da educação castrense e pilar fundamental na construção de um sólido relacionamento entre oficiais situados dentre os mais promissores da região.

O CURSO de Comando e Estado-Maior para Oficiais (*Command and General Staff Officers Course — CGSOC*), oferecido pela Escola das Américas do Exército dos EUA (*U.S. Army School of the Americas — USARSA*) tem sido o carro-chefe da instituição desde o seu início em 1958. É o único Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM) no mundo especializado na educação militar profissional, neste nível, num ambiente conjunto e multinacional. Da mesma forma, é o único CCEM onde a principal língua empregada para a instrução não é o idioma nacional. A Escola se orgulha dessa singularidade e está determinada a continuar proporcionando adestramento da mais alta qualidade em Educação Militar de Nível-4, disponível para oficiais-alunos da América Latina e dos EUA.

A Escola das Américas desempenha um importante papel no Hemisfério Ocidental. Desde o final do Século XIX, os Estados Unidos e a América Latina têm forjado um relacionamento especial através da evolução do sistema Interamericano. Institucionalmente, o sistema é melhor representado pela Organização dos Estados Americanos (OEA), estabelecida em 1948 pelas nações-membros originais. Entre os principais objetivos estabelecidos pela Carta da OEA se encontram o fortalecimento da paz e da segurança, a consolidação da democracia representativa, a resolução pacífica de disputas, e o estabelecimento de ação militar comum em casos de agressão.[1] A Escola das Américas, também fundada em 1948, tem servido, com orgulho, como foro onde estes objetivos tornam-se realidade. Por cerca de 53 anos, a Escola vem proporcionando uma base comum para a educação militar hemisférica e para o exame da doutrina conjunta e combinada, melhorando a interoperabilidade e estabelecendo uma rede de profissionais militares que podem eficazmente participar no processo de desenvolvimento de suas nações e da região, dentro do contexto dos objetivos estabelecidos pela Carta da OEA.

A Escola das Américas tem tradicionalmente oferecido uma variedade de cursos técnicos, funcionais e de educação militar profissional. A primeira turma do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola era composta de 17 oficiais, oriundos de 8 nações latino-americanas, que foram graduados na então conhecida Escola Caribenha do Exército dos EUA, localizada no Forte Gulick, Panamá.[2] À medida que o curso ganhava reconhecimento, maior era o número de candidatos. Em 1984, a Escola mudou-se de suas instalações no Panamá, onde esteve por 38 anos, para a sua atual sede na "Antiga Escola de Infantaria", Forte Benning, Geórgia. Hoje em dia o CCEM da Escola tem uma média de 55 alunos por turma, sendo que a de 2000 é a maior de todas, contando com 63 alunos, representando 11 nações.

Estrutura e Objetivos do Curso

O CCEM da Escola das Américas tem um duplo propósito. Além de ser um curso qualificado de Educação Militar de Nível-4, ele tem um papel-chave dentro do Plano de Engajamento do Teatro do Comando Sul dos EUA (*U.S. Southern Command's Theatre Engagement Plan — TEP*). Academicamente, seu enfoque é a preparação de oficiais para o desempenho de funções de comando de batalhão e de estado-maior nos níveis brigada e divisão, em suas respectivas nações.[3] Neste aspecto, a essência do seu currículo assemelha-se muito ao da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército do Forte Leavenworth, Kansas. Os planos de matérias e a bibliografia usadas no curso são traduções dos originais usados no Forte Leavenworth, um trabalho que é realizado pela Divisão de Serviços Lingüísticos da Escola. Constituída por 14 tradutores trabalhando em tempo integral, essa divisão produz mais de 10.000 páginas de material ao ano para assegurar que os alunos e instrutores recebam o que há de mais moderno em questão de doutrina norte-americana.

Desenvolvido em 49 semanas, o curso está dividido em quatro áreas principais de instrução: Estratégia, Liderança e Gerenciamento de Recursos, Estudos Civis-Militares e Tática. O currículo básico é suplementado por um programa eletivo que permite aos alunos focalizarem-se em uma das seguintes áreas: Tática Avançada, Logística, Comunicação Social ou Estratégia. Além das freqüentes visitas ao Forte Leavenworth, os instrutores da Escola das Américas realizam contatos regulares com os da ECEME/EUA para avaliarem o nível de atualização do material e da estrutura do curso. Este ano os instrutores do Forte Leavenworth participaram mais ativamente do programa, oferecendo instrução opcional aos oficiais-alunos dos EUA em áreas eletivas não oferecidas pela Escola das Américas.

Os alunos são avaliados numa variedade de áreas. Embora a ênfase seja dada às quatro principais áreas de instrução mencionadas anteriormente, avaliações adicionais são conduzidas nas áreas de liderança e aptidão física. Recentemente vem sendo dada uma maior ênfase à redação militar. Os requisitos nesta área incluem a confecção de uma monografia, a redação de artigos profissionais e numerosos outros produtos de redação associados com as principais áreas de instrução. Também é novidade este ano o programa de história militar designado para familiarizar os alunos com a história militar norte-americana desde a Revolução Americana até a Guerra do Golfo. Para facilitar as pesquisas, são colocados à disposição dos alunos mais de 20.000 volumes (90% em espanhol), na Biblioteca John B. Amos, da própria Escola das Américas.

Apesar das semelhanças acadêmicas entre os cursos do Forte Leavenworth e da Escola das Américas,

Fotos: Escola das Américas

A Escola das Américas tem tradicionalmente oferecido uma variedade de cursos técnicos, funcionais e de educação militar profissional. A primeira turma do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola era composta de 17 oficiais, oriundos de 8 nações latino-americanas, que foram graduados na então conhecida Escola Caribenha do Exército dos EUA, localizada no Forte Gulick, Panamá.[2] À medida que o curso ganhava reconhecimento, maior era o número de candidatos. Em 1984, a Escola mudou-se de suas instalações no Panamá, onde esteve por 38 anos, para a sua atual sede na "Antiga Escola de Infantaria", Forte Benning, Geórgia. Hoje em dia o CCEM da Escola tem uma média de 55 alunos por turma, sendo que a de 2000 é a maior de todas, contando com 63 alunos, representando 11 nações.

eles não são de forma alguma idênticos. Como mencionado anteriormente, o curso da Escola das Américas apóia o Plano de Engajamento do Teatro do Comando Sul dos EUA, através do seu currículo, bem como pelas oportunidades que oferece aos alunos para uma imersão total na cultura dos EUA e pelo contato com outros oficiais latino-americanos. A Escola das Américas é de valor significativo para auxiliar o Comando Sul a alcançar o seu objetivo: desenvolvimento de uma região latino-americana estável, próspera, democrática e cooperativa na busca de alcançar os interesses mútuos.[4] Embora a Escola das Américas não esteja dentro da estrutura organizacional do Comando Sul, ela é indicada pelo Comando de Adestramento e Doutrina (*TRADOC*) para apoiar os objetivos estratégicos do teatro do Comando Sul.[5] Entre estes objetivos encontram-se a cooperação multilateral de segurança, o respeito aos direitos humanos e ao cumprimento da lei, a promoção das instituições democráticas e a resolução pacífica de disputas. O Curso de Comando e Estado-Maior da Escola das Américas é estruturado para alcançar esses requisitos de várias maneiras:

- Os grupos de trabalho de estado-maior (*staff groups*), organizados para maximizar a diversidade multinacional, lidam com problemas táticos, operacionais e estratégicos realísticos. Para que o sucesso seja

alcançado nesse desafiador ambiente acadêmico, além de cooperação, é necessário que seja desenvolvida nos oficiais uma base de conhecimento e confiança, base esta necessária para abordar e auxiliar na resolução de conflitos. Dentre os muitos exemplos de resolução pacífica de conflitos no mundo real que tiveram a participação ativa de graduados no CCEM da Escola, está o tratado de paz assinado em Brasília, Brasil dando fim a uma longa disputa de fronteiras entre o Peru e o Equador. Dos seis oficiais servindo na missão de observadores militares multinacionais que tornou possível este acordo, três eram graduados ou ex-instrutores do CCEM da Escola das Américas.[6] O membro mais antigo dos EUA na missão, o coronel Glenn R. Weidner, atualmente desempenha a função de comandante da Escola das Américas.

Apesar das semelhanças acadêmicas entre os cursos do Forte Leavenworth e da Escola das Américas, eles não são de forma alguma idênticos. Como mencionado anteriormente, o curso da Escola das Américas apóia o Plano de Engajamento do Teatro do Comando Sul dos EUA, através do seu currículo, bem como pelas oportunidades que oferece aos alunos para uma imersão total na cultura dos EUA e pelo contato com outros oficiais latino-americanos. A Escola das Américas é de valor significativo para auxiliar o Comando Sul a alcançar o seu objetivo: desenvolvimento de uma região latino-americana estável, próspera, democrática e cooperativa na busca de alcançar os interesses mútuos.

- A cooperação multilateral é também incentivada durante as visitas de orientação dos alunos à área de operações do Comando Sul. A turma de 1999 desta instituição visitou El Salvador, Guatemala e Costa Rica, a fim de realizar uma apreciação mais completa das forças de segurança dessas nações e dos desafios por elas enfrentados, à medida que são estabelecidos os processos de paz e de democratização na América Central. Uma visita ao Caribe está prevista para a turma de 2000. Os alunos desta instituição recebem brifins no QG do Comando Sul e em outros comandos unificados. Está previsto também no calendário de atividades para 2000 uma visita de uma semana a Washington-DC para que os alunos fiquem melhor familiarizados com as instituições governamentais, a cultura e a história dos EUA.
- Todos os alunos recebem um mínimo de 40 horas de instrução sobre direitos humanos.[7] Em 1998, o Cel Weidner introduziu no calendário de atividades "uma semana de direitos humanos" como parte do primeiro bloco de instrução aos alunos do CCEM. Embora todos os cursos oferecidos na Escola das Américas incluam um extenso adestramento sobre os direitos humanos e o cumprimento da lei, o currículo do CCEM oferece a mais completa cobertura sobre a Ética, a Doutrina da Guerra Justa, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, as Convenções de Genebra e de Haia, as Instituições de Direitos Humanos do Sistema Interamericano, e sobre estudos de casos operacionais, inclusive a tragédia de My Lai.[8] Essa semana de estudos sobre direitos humanos conclui com uma viagem para visitar o local onde foi estabelecido, durante a Guerra de Secessão, o infame campo de prisioneiros Confederados em Andersonville, Geórgia. Nenhuma outra escola militar norte-americana oferece em seu currículo um programa tão intensivo sobre direitos humanos.[9]

Outro aspecto singular do programa da Escola é a oportunidade de os alunos obterem o título de Mestrado em Ciências de Relações Internacionais, juntamente com a graduação no CCEM. A Escola das Américas assinou um acordo com a *Troy State University* que possibilita aos alunos obterem esse diploma em apenas onze meses. Os alunos freqüentam as aulas à noite no campus avançado dessa universidade, sediado no Forte Benning, podendo ser aproveitados certos créditos retirados dos blocos de instrução do CCEM. Embora esse programa de mestrado não exija a apresentação de tese no final do curso, o aluno tem que ser aprovado num rigoroso exame. Sempre que possível, a Escola das Américas procura assegurar que os requisitos do CCEM não interfiram no programa de mestrado, incentivando a participação dos alunos no mesmo, por considerar ser ele um valioso complemento para o currículo do Curso de Comando e Estado-Maior.

Seleção dos Alunos e do Corpo Docente

O ponto mais forte do Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais da Escola das Américas incide na qualidade de seus alunos. Um grupo de estado-maior típico no Curso de Comando e Estado-Maior pode incluir um major da Guarda Nacional da Venezuela, um major da Polícia Nacional da Bolívia, um comandante da Marinha do Peru, um tenente-coronel da República Dominicana e um major de Infantaria do Exército dos EUA. Tipicamente, os alunos estrangeiros já freqüentaram em seus respectivos países a Educação Militar de

Alumnos del Curso para Oficias de Comando e Estado-Maior na Escola das Américas felicitam seus companheiros dominicanos pela ocasião do Dia da Independência da República Dominicana.

O ponto mais forte do Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais da Escola das Américas incide na qualidade de seus alunos. Um grupo de estado-maior típico no Curso de Comando e Estado-Maior pode incluir um major da Guarda Nacional da Venezuela, um major da Polícia Nacional da Bolívia, um comandante da Marinha do Peru, um tenente-coronel da República Dominicana e um major de Infantaria do Exército dos EUA. Tipicamente, os alunos estrangeiros já freqüentaram em seus respectivos países a Educação Militar de Nível-4 (*Military Education Level 4 - MEL4*), competindo de forma rigorosa com seus companheiros pela oportunidade de estudar na Escola das Américas. Esses oficiais passam por um complexo método de seleção, garantindo assim que somente aqueles com os mais altos padrões de integridade e potencial profissional receberão instrução nessa Instituição Militar.

Nível-4 (*Military Education Level 4 - MEL4*), competindo de forma rigorosa com seus companheiros pela oportunidade de estudar na Escola das Américas. Esses oficiais passam por um complexo método de seleção, garantindo assim que somente aqueles com os mais altos padrões de integridade e potencial profissional receberão instrução nessa Instituição Militar.

O processo de seleção para os oficiais da América Latina começa em suas nações de origem. Todas as nações com quem os EUA mantém relações militares oficiais são qualificadas a enviar oficiais para freqüentarem o CCEM da Escola das Américas. Os possíveis futuros alunos têm os seus antecedentes e seus perfis de carreira examinados pelas autoridades do país anfitrião. Os resultados desse exame são apresentados ao Grupo Militar da Embaixada dos EUA respectiva, o qual seleciona e entrevista os candidatos, enviando os resultados para a equipe, dentro da Embaixada, encarregada de avaliar a possibilidade de cada nomeação. Somente após a aprovação desta equipe é que serão alocados os recursos financeiros e emitidas as autorizações de viagem.[10]

Um determinado número de oficiais norte-americanos que falam o espanhol são elegíveis para atenderem o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola das Américas como uma alternativa ao curso oferecido no Forte Leavenworth, Kansas. Tais oficiais são selecionados pelo método padrão de seleção e recebem o mesmo crédito e nível militar de educação recebidos pelos alunos da ECEME/EUA. Os oficiais norte-americanos atendem a Escola das Américas por uma variedade de razões. Além

de receberem qualificação de Educação Militar Nível-4, esses oficiais, normalmente em vias de serem designados para exercerem funções relacionadas aos países do hemisfério, têm a oportunidade de melhorar o seu espanhol, adquirir conhecimentos relativos à cultura dos países da área, e estabelecer um grande número de contatos que irão facilitar suas interações com vários países, no futuro.[11]

O programa de "padrinhos" é um importante meio para estabelecer um relacionamento sólido com os oficiais estrangeiros. Para cada oficial latino-americano é designado um oficial norte-americano como padrinho militar, o qual serve como anfitrião do visitante durante todo o decorrer do curso. É instrumental que o anfitrião auxilie ao máximo o oficial estrangeiro desde a sua chegada, tornando mais fácil e aprazível sua adaptação ao modo de vida de outra cultura. Conta-se também com um padrinho (uma família) selecionado na comunidade civil para suplementar o papel exercido pelo padrinho militar, ampliando a apreciação do aluno internacional pela sociedade civil e seu valores.

Outro aspecto singular do programa da Escola é a oportunidade de os alunos obterem o título de Mestrado em Ciências de Relações Internacionais, juntamente com a graduação no CCEM. A Escola das Américas assinou um acordo com a* Troy State University *que possibilita aos alunos obterem esse diploma em apenas onze meses. Os alunos freqüentam as aulas à noite no campus avançado dessa universidade, sediado no Forte Benning, podendo ser aproveitados certos créditos retirados dos blocos de instrução do CCEM.

Seja trabalhando juntos num exercício de planejamento tático na sala de aula ou trocando idéias na hora do intervalo, o diálogo resultante serve para aumentar o conhecimento e a experiência de cada um deles.[12] Da mesma forma, os alunos latino-americanos se beneficiam com a participação dos oficiais norte-americanos no curso. A Escola das Américas esforça-se para selecionar uma variedade de oficiais norte-americanos que melhor reflitam nossa perspectiva de armas conjuntas e combinadas. Normalmente, as turmas incluem oficiais do Exército dos EUA de todas as áreas, inclusive do Corpo de Capelães, do Corpo de Procuradoria Geral da Justiça Militar (*Judge Advocate General — JAG*), bem como oficiais da Força Aérea de diferentes áreas de especialização.

A seleção de instrutores é ainda mais rigorosa do que a dos alunos. Em geral, dos 80 a 90 instrutores militares designados para a Escola das Américas, a metade é constituída de latino-americanos. Além dos rigorosos padrões aplicados na seleção dos alunos, os instrutores também devem ser qualificados no Nível de Educação Militar-4 em seus respectivos países e serem graduados no Curso de Adestramento de Instrutores da Escola das Américas. Os instrutores latino-americanos normalmente servem por dois anos na Escola. Tradicionalmente, a posição de subcomandante é reservada para os oficiais latino-americanos, e um rodízio em ordem alfabética é feito entre todos os países participantes.

Fontes de Mudanças

À medida que a Escola das Américas avança no século XXI, ela se defronta com os desafios de adaptar seus produtos educacionais às mudanças rápidas da tecnologia e da geopolítica. É importante lembrar que a Escola não cria doutrina. Essa função é reservada para o *TRADOC* e seus centros especializados.[13] Dois tipos de fatores levam às mudanças no currículo e na estrutura do curso. O primeiro fator é *externo*, e está dividido em duas categorias.

Primeiro, modificações no currículo do Curso de Comando e Estado-Maior do Forte Leavenworth, ou mudanças nos padrões de Educação Militar Nível-4, levam a reavaliações e modificações no programa de instrução do curso da Escola das Américas. Embora as mudanças não sejam feitas imediatamente devido aos requisitos de tradução e adestramento dos instrutores, é responsabilidade da Escola das Américas procurar oferecer uma equivalência acadêmica com o Forte Leavenworth, por ser este o proponente da Educação Militar Nível-4. Um segundo fator *externo* é de natureza estratégica e resulta das modificações nas prioridades do Comando Sul dos EUA. A recente expansão no adestramento de direitos humanos no CCEM está diretamente relacionado ao apoio que a Escola das Américas deve oferecer aos Objetivos Estratégicos do Teatro do Comando Sul. A Escola tem muito pouco controle sobre esses catalisadores externos.

No entanto, existe outra categoria de fatores sobre os quais a Escola das Américas pode influenciar diretamente. Os fatores *internos* estão relacionados à necessidade de um bom gerenciamento dos recursos disponíveis, principalmente no tocante à tecnologia. Existem dois tipos de fatores *internos*. O primeiro é influenciado pela cultura de mudanças decorrente da tecnologia, no Exército dos EUA. Isto inclui a transição para o ambiente de Sala de Aula XXI, no qual os recursos de processamento automático de da-

Alunos da Escola das Américas aumentam seus conhecimentos profissionais e sensibilidades interculturais num ambiente tipo grupo de estado-maior.

Os grupos de trabalho de estado-maior (*staff groups*), organizados para maximizar a diversidade multinacional, lidam com problemas táticos, operacionais e estratégicos realísticos. Para que o sucesso seja alcançado nesse desafiador ambiente acadêmico, além de cooperação, é necessário que seja desenvolvida nos oficiais uma base de conhecimento e confiança, base esta necessária para abordar e auxiliar na resolução de conflitos.

dos, vídeo e telecomunicações substituem as páginas impressas como meio de transmissão de conhecimento. Outro exemplo seria a integração das simulações por computador no adestramento tático e operacional. Um segundo fator *interno* é a inovação: a aplicação criativa da tecnologia no tratamento de problemas específicos. Por exemplo, encontra-se em fase de planejamento o aperfeiçoamento da *web page* oficial da Escola das Américas visando a adição interativa das *home pages* dos seus ex-alunos. Esse projeto de baixo custo será uma método altamente eficaz de coletar sugestões doutrinárias de todas as partes do hemisfério, assegurando, ao mesmo tempo, que os relacionamentos estabelecidos entre ex-alunos e instrutores da Escola das Américas continuem a ser alimentados muito após o fim do curso.[14]

A Escola das Américas no Século XXI

Independente das fontes de mudança, a Escola das Américas deve assegurar a preparação dos seus alunos do Curso de Comando e Estado-Maior para que executem com eficácia suas obrigações no futuro. Iniciativas internas permitem à instituição administrar eficazmente os requisitos decorrentes das mudanças externas. Entre essas iniciativas internas possíveis estão o processo constante de modificar cenários e ênfases dentro do currículo para garantir que a instrução seja aplicável às condições do mundo real. Os estudos de casos devem ser regionalmente orientados para as operações conjuntas e combinadas. Uma especial ênfase no currículo de tática deve ser dada às áreas críticas, como o Sistema de Planejamento e Execução de Operações Conjuntas (*Joint Operation Planning and Execution System — JOPES*). Este consiste do sistema convencional integrado de comando e controle conjunto, empregado para apoiar operações militares, monitorando, planejando e executando essas atividades. Os instrutores sabem que os graduados no CCEM poderão participar em operações de contingência conjuntas e combinadas, lideradas pelos EUA ou pela ONU, reconhecendo as capacidades especiais dos EUA.[15] O processo de análises e modifi-

cações dentro dos parâmetros dos padrões do Ensino Militar Nível-4 é um processo contínuo na Escola das Américas.

Os sistemas políticos militares da América Latina têm passado por extraordinárias mudanças nesta última década. Os líderes e as instituições civis desempenham um papel cada vez mais importante nos temas de segurança nacional. Este saudável processo de democratização representa mudanças externas que continuarão a influenciar no desenvolvimento dos currículos e nas modificações da estrutura do CCEM. No momento, a Escola das Américas está procurando admitir mais alunos civis para atenderem os cursos superiores, a fim de ampliar o conhecimento deles a respeito de temas de segurança e expor os alunos militares a competentes colegas civis. Foi solicitado ao Departamento de Estado que fosse verificada a possibilidade de proporcionar um funcionário de carreira da área externa para atuar como professor em tempo integral na Escola das Américas. Além disso, a Escola está procurando expandir o programa de palestrantes convidados, através do qual são convidadas ilustres pessoas das áreas governamental e acadêmica para a abordagem de temas de grande interesse.[16]

À medida que as intervenções militares multinacionais aumentam em freqüência e escopo, o mesmo acontece com a complexidade do processo decisório militar. A Escola das Américas continuará a modificar e a expandir o seu enfoque singular sobre os direitos humanos e o cumprimento da lei. Os graduados do Curso de Comando e Estado-Maior devem ter uma compreensão das leis sobres os direitos humanos que sobreviva além da sala de aula. O conhecimento das leis internacionais e aplicação das mesmas num determinado cenário deve ser de domínio dos oficiais, os quais muitas vezes poderão ter que tomar decisões rápidas, tornando-se legalmente responsáveis pelas ações decorrentes. É da maior importância que os oficiais tenham uma interpretação objetiva e clara das leis. A Escola das Américas entra no século XXI como a líder no mundo em adestramento de direitos humanos no ambiente da educação militar.

Conclusão

O Curso de Comando e Estado-Maior da Escola das Américas continuará a cumprir um importante papel na educação militar e como agente catalisador para a cooperação multinacional no Hemisfério Ocidental. E continuará a desempenhar dois papéis simbióticos. Primeiro, permanecerá como um qualificador para a Educação Militar Nível-4, tanto para alunos dos EUA como da América Latina. Como tal, continuará a repassar o que há de mais novo na doutrina norte-americana. Segundo, continuará a ser um elemento essencial no Plano de Engajamento do Teatro do Comando Sul dos EUA e o principal foro para a prevenção de conflitos, em conjunção com o sistema Interamericano. Como parte do plano de engajamento, a Escola continuará a promover os valores dos EUA com respeito à cooperação regional, democracia, o papel adequado dos militares na sociedade, e a adesão aos padrões internacionais de direitos humanos.[17] ***MR***

REFERÊNCIAS

1. Carta da OEA, Capítulo I, Artigo 2, http://www.oas.org.
2. 1958 *Army Year Book*, Escola Caribenha do Exército dos EUA.
3. Catálogo de Cursos da Escola das Américas, 1998-1999, pg. 46.
4. Revisão do Currículo da Escola das Américas, realizada pelo Comando Sul dos EUA, 7 de junho de 1992, pg. 2.
5. Memorando de Acordo entre o Comando de Adestramento e Doutrina e o Comando Sul dos EUA; Assunto: Relação Especial entre o Comando Sul do EUA e a Escola das Américas, pg. 2.
6. Entrevista com o coronel Glenn Weidner, 18 de fevereiro de 2000.
7. Memorando sobre os Padrões de Instrução sobre Direitos Humanos na Escola das Américas, 14 de setembro de 1999.
8. Tony Raimondo, *Columbus Ledger-Enquirer* (23 de fevereiro de 2000), pg. A-11.
9. Weidner.
10. Memorando de Instrução do Departamento de Estado dos EUA; Assunto: Guia para a Seleção de Candidatos aos Programas de Adestramento Patrocinados pelos EUA., novembro de 1997.
11. Weidner.
12. *Ibíd.*
13. Ibíd.
14. Ibíd.
15. Victor Castrillo, "Students Get a Strong Dose of Joint and Combined Arms Doctrine at USARSA CGSOC", www.benning.army.mil.usarsa.
16. Weidner.
17. *Ibíd.*

O Major Ted Bowling é oficial especialista em área estrangeira e está atualmente freqüentando o Curso de Comando e Estado-Maior para Oficiais na Escola das Américas. Possui mestrado em Estudos Latino-Americanos pela Universidade do Alabama e é graduado do Curso Avançado de Artilharia para Oficiais na Escola de Artilharia da Venezuela. Foi comandante de uma Bateria de Tiro de Artilharia de Campanha, bem como de uma Companhia de Recrutamento do Exército.